

## A cultura popular catarinense na ótica de Cascaes.

ARAÚJO, Adalice Maria de. **Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008, 153 p.

Zeneida Alves de Assumpção<sup>1</sup>

Em “**Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)**”, a historiadora e pesquisadora Adalice Maria de Araújo discorre e analisa com rigor científico, os trabalhos artísticos e mitológicos construídos por Franklin Cascaes sobre a cultura popular da ilha de Santa Catarina. Na primeira parte - “Visão global” – a pesquisadora apresenta ao leitor, de forma didática, como a produção artística e mitológica de Cascaes foi construída ao longo da carreira dele. Os trabalhos desse artista perpassam por quatro linhas temáticas envolvendo: composições/documentação mítica (revelação do mito ilhéu); composições de caráter totalmente autônomo, subdivididas em: ciclo mítico, ciclo onírico-moral, ciclo ficção científica cabocla e ciclo histórico-fictício; composições/documentação fabulosa subdivididas em: profano e religioso; composições/documentação vivencial e objetual (memória da cultura popular ilhoa, técnica artesanal, arquitetura, tipos populares e aspectos lúdicos) envolvendo festas religiosas e profanas, folguedos infantis, costumes tradicionais e ocorrências. Nessas quatro linhas temáticas percebe-se que Cascaes soube explorar e resgatar com maestria a identidade cultural do povo catarinense, através da cultura popular e da oralidade que dá sustentação aos mitos. Mas, afinal o que é mito? O que significa “mito vivo”, presente no título dessa obra? O escritor e historiador romeno, Mircea Eliade tem as respostas para essas questões, quando nos ensina: “mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Para ele, “o mito vivo tem como objeto a sociedade, no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por si mesmo, significação e valor à existência” (1964, p. 11).

Retomando à narrativa da autora, ela destaca ainda mais três pontos fundamentais nas produções de Cascaes: a) documentação gráfica (pressuposto do real); b) ilustrador de fábulas (lendas míticas); c) mitógeno (propõe mitos novos). No setor plástico, a pesquisadora relata que Cascaes atuou como desenhista, ceramista e escultor. Em relação à técnica, Cascaes busca a criação de trabalhos bidimensionais (registro do real ou cena imaginária), mediante composição desenhada a lápis; composição tratada com bico de pena (nanquim preto),

<sup>1</sup> Jornalista, doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) e docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). [zassumpcao@gmail.com](mailto:zassumpcao@gmail.com)

valendo-se de pontilhados até silhuetas. Nas esculturas, o artista realizou trabalhos tridimensionais.

Na segunda parte, Araújo apresenta “Análise”. Capítulo que contempla, sem dúvida, um leque crítico de informações e esclarecimentos sobre a obra de Cascaes. A pesquisadora analisa a documentação mítica referente a bruxas, lobisomens, bitatás, mulas-sem-cabeça, curupira constituída de textos (escritura e imagens). Os textos sobre bruxas são abundantes nessa obra analisada. As imagens/figuras sobre elas (construídas em nanquim sobre papel-cartão) são ricas em simbologias e significativas. As próprias imagens “falam”. As escrituras nesse caso poderiam ser dispensadas. Porém, a presença delas (escrituras) enriquece e contribui com a análise crítica da autora. O texto registra aproximadamente trinta e um ícones envolvendo lendas míticas e profanas. Não se pode negar o requinte dos símbolos contidos nas imagens, nas figuras. Elas são muito bem construídas por Cascaes, com a utilização de desenhos. As próprias figuras constroem a informação mítica e as comunicam ao leitor. Sobre as bruxas, o livro mostra quatorze figuras delas. É importante ressaltar, que a semiótica e a crítica social se fazem presentes nos contextos dos trabalhos de Cascaes, analisados por Araújo. Pode-se mencionar como exemplo, a vassoura. Ela já serviu como artefato propagandístico no cenário político brasileiro (1960), quando o candidato à presidência da República Federativa do Brasil, Jânio Quadros a utilizou como mote de sua campanha. Esse artefato originou o slogan: “Varre, varre vassourinha”, consagrando-o vitorioso com a maior votação na época. Nesse caso, a vassoura de Jânio Quadros representava naquele momento político, a limpeza, a transparência política, à varredura de um velho sistema político para a recepção de um sistema novo, sem defeitos, sem crises. Ou, então: à varredura da administração anterior e a realização de um novo tempo talvez! A vassoura é representada também como um artefato voador para as bruxas. Um meio de locomoção para elas. Nesse aspecto, a vassoura simboliza maldade, má-feitorias, desgraças. As bruxas fazem parte do imaginário e da cultura popular. Os mitos, as lendas, o folclore contribuem também para a construção da identidade cultural de um povo, de uma comunidade. Essa realidade é perceptível nos trabalhos de Cascaes e registrada na documentação fabulosa, constituída pelos gêneros: profano (fábulas) e religioso (lendas). As fábulas perpassam pelas lorotas (narrativas mentirosas). O religioso contempla as lendas e o mito. Nesse aspecto,

o mito conta uma história sagrada; relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre uma narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. Ele fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou

plenamente. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é a razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 1964, 11).

É dessa forma, que as fábulas lendas e mitos povoam o imaginário popular e constituem a identidade cultural de um povo. Nesse caso, o povo catarinense. Reside nessa perspectiva, à validade da pesquisa de Adalice Maria Araújo sobre a obra do mitólogo e professor da UFSC, Franklin Joaquim Cascaes.

#### Referência Bibliográfica:

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo. Perspectiva. 1964.